

ARTIGO

A ESCOLA COMO LUGAR NA REGÊNCIA DE AULAS DE GEOGRAFIA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO E RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Antônia Marcia Duarte Queiroz¹
Laura Lívia Correia Moura²

RESUMO

Este artigo é resultante de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Geografia e tem o objetivo de apresentar as reflexões sobre a importância da regência de aulas como prática em diferentes escolas para a formação na licenciatura em Geografia à luz das experiências no Estágio Supervisionado e no Programa Residência Pedagógica. Aborda os objetivos do Estágio Obrigatório e do Programa Residência Pedagógica na Universidade Federal do Tocantins, evidenciando a articulação entre teoria e prática durante a regência de aulas no ensino fundamental e médio, demonstrando a importância dessa imersão no cotidiano escolar durante o processo de formação para a docência. A metodologia utilizada foi qualitativa, tendo como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e a análise documental. A subjetividade se fez presente a partir das contribuições da categoria geográfica lugar, mediante a percepção da realidade do ensino e suas especificidades no espaço escolar. A reflexão sobre a regência de aulas mostra dificuldades sentidas e inúmeras contribuições para o fazer e ensinar geográficos. A releitura desse período foi de suma importância para a formação docente, considerada uma fase de aprendizados e de dificuldades, que juntos potencializam o processo contínuo de construção da identidade docente.

Palavras-chave: Geografia. Prática. Lugar. Formação docente.

1 INTRODUÇÃO

A escolha dessa temática se justifica a partir das experiências vivenciadas durante as quatro disciplinas obrigatórias de Estágio e ao participar do projeto de iniciação à docência no

¹ Professora Adjunta do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins-UFT/UFNT. E-mail: amdq@mail.uft.edu.br

² Graduanda do Curso de Geografia na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: lauralivia81.ll@gmail.com

Projeto Residência Pedagógica, pois foi possível perceber o quão importante é a prática na formação docente do aluno de licenciatura. O contato com ambiente escolar, com suas dificuldades e aprendizados, é algo de muito valor, principalmente pela possibilidade de se expandir a teoria ensinada dentro dos muros da Universidade.

A regência de aula possui diversas formas de ser realizada, que para Carvalho (2012, p. 65) “vão desde a coparticipação junto com o professor da classe que recebe o estagiário até a regência autônoma, quando este é responsável por uma sequência de ensino [...]”. A Regência a qual nos referimos nesse trabalho trata-se da realização de uma ou mais aulas ministradas em sala de aula no período de estágio e na participação no Programa Residência Pedagógica (2018-2020), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação, em projeto do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT-UFNT), na cidade de Araguaína-TO.

O objetivo geral desse trabalho é apresentar as experiências durante a Regência enfatizando a importância da prática de ensino na formação inicial em Geografia e, em específico, descrever os objetivos do Estágio Obrigatório e do Programa Residência Pedagógica evidenciando a articulação da teoria à prática durante a realização da Regência no ensino fundamental e médio e, dessa forma, enfatizar a importância dessa imersão no cotidiano escolar durante o processo de formação para a docência.

A categoria geográfica lugar nos ajuda nessa análise à medida que potencializa nosso olhar para o cotidiano e a percepção dos estudantes inseridos em uma dada realidade escolar. Segundo Tuan (1983, p. 10), “A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência”, sendo assim todas as experiências vivenciadas com a regência contribuem para a formação docente.

A importância do Estágio e do Programa Residência Pedagógica (PRP) se dá pela necessidade de colocar em prática toda a teoria absorvida durante o curso. É durante esse contato com o espaço escolar que o graduando forma seu perfil e sua identidade profissional, pensando sua prática pedagógica e a importância do ensino, pois é durante esta relação com a escola que muitos acadêmicos têm seu primeiro contato com a docência. Segundo Pimenta e Lima (2004, p. 61), “[...] possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente”.

Sabemos que o Estágio é uma disciplina obrigatória nos cursos de formação, incluindo o curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). O Estágio insere o futuro docente no meio escolar, sendo um processo indispensável para que

o profissional esteja preparado para os desafios da profissão. Nele podemos conhecer o dia-a-dia da escola, os alunos que frequentam o local, os profissionais ali presentes, as vivências de cada futuro colega, pois, segundo Pimenta e Lima (2004, p. 56), “[...] o Estágio prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais”.

O Programa Residência Pedagógica surgiu como mais uma oportunidade de contato direto do universitário com a realidade escolar, podendo assim aprimorar a prática na formação docente. Para participar do Programa, é necessário que o estudante de licenciatura esteja cursando a partir do quinto período, que equivale à segunda metade do curso, ou ter cursado 50% da carga horária do curso. Assim como no Estágio obrigatório, o PRP proporciona uma imersão do aluno na escola-campo, tendo como foco a formação de conhecimento a partir da interação social e na compreensão entre teoria e prática.

A metodologia utilizada neste trabalho foi abordagem qualitativa, tendo como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, a análise documental e o trabalho de campo à luz da apresentação das atividades realizadas nos espaços escolares.

Sabendo da importância da metodologia de um trabalho científico, Prodanov e Freitas (2013, p. 14) afirmam que “A metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observadas para a construção dos conhecimentos com o propósito de comprovar sua validade e utilidades nos diversos âmbitos da sociedade”.

A reflexão sobre a relevância da Regência no Estágio e na Residência pedagógica provém das dificuldades sentidas e das experiências vivenciadas durante a mesma, como também, das leituras teóricas sobre a importância da prática na formação docente. Sendo assim, as práticas metodológicas utilizadas nesta pesquisa de abordagem qualitativa, de acordo com Rodrigues e Limena (2006) é quando não emprega procedimentos estatísticos ou não tem, como objetivo principal, abordar o problema a partir desses procedimentos. É utilizada para investigar problemas que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar, em virtude de sua complexidade.

Dentre esses problemas, podemos destacar aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos, atitudes de indivíduos ou de grupos. Por meio da abordagem qualitativa, o pesquisador tenta descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação entre as variáveis e ainda interpretar os dados, fatos e teorias.

Assim, para Stake (2011, p. 41) a pesquisa qualitativa caracteriza-se por ser “interpretativa, baseada em experiências, situacional e humanística”, sendo consistente com suas prioridades de singularidade e contexto.

Quanto aos tipos de procedimentos bibliográfico e de pesquisa documental, segundo Severino (2007) é a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados.

As afirmações metodológicas supracitadas para a produção desse trabalho se orientam, principalmente, a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos de Severino (2007, p. 122). Para esse autor, a pesquisa documental é de fonte de documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos como livros, artigos, teses, mas também os de outros tipos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nesses casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise (SEVERINO, 2007, p. 122).

Para constituir esse texto, contamos com discussões derivadas de estudos bibliográficos, de autores como Pimenta e Lima (2004); Buriola (2001); Mafuani (2011) e Freire (1996), o que teve grande contribuição na escrita reflexiva desta análise com sentido teórico-prático da nossa experiência.

O artigo está estruturado da seguinte maneira: a primeira parte do texto discute sobre a importância da prática de ensino na formação docente; a segunda aborda a Regência como um momento desafiador de oportunidades e aprendizados; e, por fim, nas considerações finais trazemos os resultados das experiências de ensino vividas, enfatizando sua importância para a formação docente.

2 A PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE: ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

A formação docente em qualquer área do conhecimento se dá obrigatoriamente pela inserção do futuro profissional no exercício da teoria e da prática, tendo em vista que é “fazendo que se aprende”, tendo o Estágio um papel extremamente importante no processo de formação do professor.

Segundo Souza (2013, p. 108), o Estágio “é o momento em que são criadas as condições que possibilitam ao estagiário o contato com as práticas profissionais docentes em locais onde estejam estruturadas as condições para o exercício da profissão”.

Sabendo da importância da prática durante o processo de formação do estudante de licenciatura, O Ministério da Educação (MEC), juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) criaram o Projeto Residência Pedagógica, que faz parte da Política Nacional de Formação de Professores.

[...] A residência pedagógica consiste na imersão planejada e sistemática do aluno de licenciatura em ambiente escolar visando à vivência e experimentação de situações concretas do cotidiano escolar e da sala de aula que depois servirão de objeto de reflexão sobre a articulação entre teoria e prática. Durante e após a imersão o residente deve ser estimulado a refletir e avaliar sobre sua prática e relação com a profissionalização do docente escolar, para registro em relatório e contribuir para a avaliação de socialização de sua experiência como residente (CAPES, 2018).

O programa surgiu com o intuito de contribuir no processo de formação de professores, como mais uma oportunidade de contato direto do universitário com a realidade escolar, podendo assim aprimorar a prática na formação docente. O PRP tem como objetivos:

2.1 O Programa de Residência Pedagógica visa: I. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias; II. Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica; IV. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (CAPES, 2018)

Como acontece em muitas profissões, ser professor também requer o uso da prática, e o Estágio é o momento de se colocar a teoria em ação.

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. A profissão de professor é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme perspectiva da imitação será a partir da observação, imitação, reprodução e às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons. (PIMENTA E LIMA, 2004, p. 7)

O Estágio insere o futuro docente no meio escolar, onde é um processo indispensável para que o profissional esteja preparado para os desafios da profissão. A diferença entre o Estágio Investigativo I e II e o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental e Médio no

curso de Geografia da UFT/Araguaína está diretamente ligada com a forma como o universitário entra em contato com a prática docente. Nos dois primeiros estágios o contato é mais superficial, baseado mais em observações. Já nos Estágios Supervisionados, o contato começa desde a elaboração de planos de aula até a Regência em si, que nos leva a ter um contato direto com a docência, por meio de planejamentos de conteúdos e regência de aulas.

O Estágio Investigativo I tem carga horária total de 90 horas, sendo 60h teóricas e 30h práticas, e seu objetivo, segundo o Projeto Político Pedagógico do Curso de Geografia de Araguaína (PPC/UFT, 2009) é fazer o “Mapeamento da realidade escolar e da prática educativa docente”. No Estágio Investigativo II a carga horária total é de 105 horas, sendo 60 horas teóricas e 45 horas práticas e seu objetivo é:

Compreender o que é ensinado nas aulas de Geografia, a partir da identificação das concepções da Ciência Geográfica e Pedagógica, e da sua reprodução explícita e implícita em sala de aula, nos livros didáticos, nas tecnologias de ensino e nas demais linguagens, adquirindo assim, saberes para sua futura atuação docente. (PPC/Geografia, UFT, 2009)

No Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental a carga horária total é de 105 horas, dessas 60h são teóricas e 45h práticas sendo 12h dedicados à Regência em sala de aula, e de acordo com o PPC/UFT (2009) esse estágio tem por finalidade “Assunção à docência no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Revisão da estrutura curricular, em especial dos conteúdos trabalhados no componente curricular de Geografia, junto ao sistema regular de ensino fundamental”, e “permitir ao (a) estagiário(a) a vivência da sala de aula enquanto professor(a) no ensino fundamental por meio da assunção docente”.

E por fim, o Estágio Supervisionado no Ensino Médio possui carga horária total de 105 horas, sendo 60h teóricas e 45h práticas, e seu propósito segundo o PPC/UFT (2009) consiste em:

Assunção à docência no ensino médio. Levantamento da estrutura curricular, em especial dos conteúdos trabalhados no componente curricular de Geografia, junto ao sistema regular de ensino médio. Análise da perspectiva epistemológica do ensino de Geografia no ensino médio. Reflexões acerca da avaliação da aprendizagem. Planejamento e construção de planos de aula a partir de conteúdos abordados nas respectivas aulas de Geografia e ano escolar, sempre em consonância com a proposta curricular da escola-campo e ciência do(a) supervisor(a) de estágio e o professor(a) orientador(a).

O desenvolvimento profissional de um docente dá-se por um processo de várias camadas. Primeiro, estuda a teoria na Universidade, e como obrigação acadêmica, há a necessidade de estagiar. No Estágio, ele coloca em prática a teoria aprendida dentre dos

muros da faculdade e constrói seus saberes docentes para que no futuro, ao se tornar professor, saiba a realidade que o espera. Sendo assim:

Durante o curso de graduação começam a ser construídos os saberes, as habilidades, posturas e atitudes que formam o profissional. Em períodos de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão (ALMEIDA e PIMENTA, 2014, p. 73)

Quando se inicia um Estágio devemos assumir a postura de compreender que ele é um dos componentes curriculares mais importantes na formação de professores. É um campo de conhecimento próprio que busca envolvimento e aprendizado com a realidade escolar e docente com a finalidade de colaborar com o processo de formação de professores buscando ajudar a entender a realidade do mundo educacional.

É evidente que a Universidade tem um papel importante na formação de professores, é dentro dela que aprendemos a teoria da vida docente. Mas não adianta aprender a teoria sem colocá-la em prática no campo. Freire (1996, p. 18) aponta que:

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Com a prática há uma possibilidade de conhecer ainda mais a realidade escolar e de conviver por mais tempo no espaço da escola, onde posteriormente será seu cotidiano profissional. Sendo assim, esse contato mais intenso com a escola-campo, acaba trazendo ensinamentos, desafios e oportunidades únicas para o estudante de geografia, ensinamentos esses que somente a prática vivenciada no âmbito escolar pode promover. De certa forma, esse contato com a futura profissão pode ser considerada um treinamento.

Contudo o estágio configurado como tal – como parte integrante do processo ensino-aprendizagem, com qualidade de aprendizagem e com situação efetiva de treinamento profissional – apresenta-se, hoje, salvo algumas exceções, com muitas dificuldades de se operacionalizar sob esta concepção (BURIOLLA, 2001, p. 18).

A experiência de estagiar na educação básica, e de exercer um papel importantíssimo dentro da escola é enriquecedora para a formação do discente como futuro educador, pois somente dentro dos muros da universidade é impossível conhecer a realidade de uma sala de aula.

[...] os estágios supervisionados, assentados em contributos teóricos, na experiência pessoal dos estudantes e nos trabalhos de campo, apresentam-se como espaços para a formação em situações reais e que exigem a reflexão e, por consequência, a mobilização de contributos teóricos. Por isso, dissemos que a formação inicial docente precisa ser, antes de tudo, um processo que promove, amplia e fortalece a reflexão na/e sobre a ação (ARAÚJO; FORTUNATO e MEDEIROS, 2020, p. 18)

No Programa Residência Pedagógica (PRP) também é possível ter um contato a mais com a prática, e isso influencia diretamente na formação docente, contribuindo para que esse estudante tenha um melhor desenvolvimento da prática docente no cotidiano escolar. Segundo Krug e Lima (2019):

As principais contribuições do PRP na formação de professores apresentados pelos licenciandos bolsistas foram: relação entre universidade e escola básica, desenvolvida principalmente por meio da socialização profissional antecipatória e pela relação entre teoria e prática; desenvolvimento profissional docente, destacando o aprimoramento da prática docente no cotidiano escolar; valorização da profissão docente, pela adaptação e conscientização das condições de trabalho profissional; desenvolvimento da reflexividade docente por meio da reflexão da prática docente; novas metodologias de ensino e aprendizagem a partir de metodologias ativas e o trabalho colaborativo por meio da integração de profissionais de diferentes contextos educativos. (KRUG e LIMA, 2019, p.3)

As contribuições adquiridas a partir do PRP são de grande importância para a formação docente, tendo em vista que a imersão na escola-campo nos apresenta a realidade da educação básica com todos os seus problemas e ensinamentos, nos levando uma maior compreensão da diferença existente entre a teoria e prática.

Ao demonstrar o conjunto de experiências vivenciadas durante a Regência em diferentes escolas, surgiram percepções diferentes sobre cada “lugar”. O conceito de lugar vem sendo interpretado de maneiras diversas ao longo do tempo.

A abordagem humanista de Tuan (1983) percebe o lugar como uma porção do espaço em relação ao qual se desenvolvem afetos a partir da experiência individual ou grupos sociais. A construção do Lugar se dá a partir da relação entre espaço e tempo. Para o autor, o Lugar é um espaço de afetividade, construída através da relação com o tempo, que transforma o espaço em lugar. "O lugar é um mundo de significado organizado" (TUAN, 1983, p. 198).

Entendemos que o lugar interfere de várias maneiras na relação entre os sujeitos. Essa interferência no espaço escolar pode contribuir de maneira positiva ou negativa no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes tanto no curso de licenciatura quanto na escola de educação básica, como observamos nas experiências da Regência no estágio e no Programa de Residência Pedagógica, das quais tratamos na sequência.

3 REGÊNCIA: MOMENTOS E LUGARES DESAFIADORES DE OPORTUNIDADES E APRENDIZAGENS

Segundo Pimenta e Lima (2011) as Regências se caracterizam como um processo de formação, possibilitando que o acadêmico/estagiário se (re)descubra enquanto professor e enquanto pessoa humana, conhecendo as realidades escolares através do seu cotidiano, e desenvolvendo concepções acerca do coletivo escolar e trocas existentes nestas relações.

A aproximação com o espaço escolar começa a acontecer a partir da segunda metade do curso de Geografia da UFT, e o contato com a prática em si, pela regência de aulas, ocorre somente na fase final, a partir do sétimo período, fazendo com que o estudante só venha ter conhecimento da realidade da profissão ao final do seu processo de formação. Podemos então ressaltar que as universidades valorizam com maior afinco a teoria na formação do professor.

A Regência pode ser considerada um dos momentos mais esperados e desafiadores para o estudante de licenciatura, pois é o momento em que o mesmo tem seu primeiro contato com a docência, será o momento de enfrentar a si mesmo, de usar tudo o que se foi analisado durante o período de observação e construir sua identidade profissional.

De acordo com Mafuani (2011), no decorrer da Regência surgem diversos desafios, que até o momento era algo considerado distante da realidade do licenciando, entre eles está o contato direto com a sala de aula agora como professor, e não apenas como aluno. Ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o ensino no cotidiano escolar.

Há uma busca pela aproximação da universidade com as escolas de educação básica onde esses egressos irão atuar. Contudo, pode-se observar que a lógica subjacente à organização desses cursos, via de regra, valoriza a preparação do futuro professor com recursos técnicos tendo em vista posterior aplicação na prática de ensino no espaço escolar. (MARTINS; ROMANOWSKI, 2010, p. 77).

De acordo com Pimenta e Lima (2011), a identidade do professor é construída ao longo de sua trajetória como profissional do magistério. No entanto, é no processo de sua formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão que o curso se propõe a legitimar. Sendo o estágio, por excelência, um lugar de reflexão sobre a construção e o fortalecimento da identidade.

3.1 A experiência da regência nas escolas como lugares

A experiência adquirida com a Regência durante a graduação e da qual tratamos aqui foi resultante da convivência em três escolas públicas localizadas na cidade de Araguaína-TO, às quais passaremos a nos referir aqui como Escolas A, B e C.

Durante a licenciatura em Geografia, o primeiro contato direto com a escola ocorreu no quinto período do curso, no ano de 2018, na disciplina de Estágio Investigativo I, realizado na Escola A, onde também foi realizada a primeira Regência, no Estágio Supervisionado no ensino fundamental. Em meados do mesmo ano surgiu a oportunidade de participar do PRP e realizar atividades em outra escola, durante a II etapa do Programa, intitulada de Ambientação do Residente na escola-campo, com carga horária de 60 horas e realizada de Outubro/2018 a Janeiro/2019 na Escola B, onde realizamos a segunda Regência. Simultaneamente a esta, a terceira Regência foi realizada na Escola C, no Estágio Supervisionado no ensino médio. A Regência nas Escolas A e B no mesmo período tornou esse momento ainda mais desafiador.

A Escola A atende alunos do ensino fundamental II (6.o ao 9.o ano); a Escola B, do ensino fundamental II e ensino médio; e a Escola C atende alunos do ensino médio integral.

O primeiro contato com as escolas se deu por meio da observação em campo, voltada tanto para as aulas como para o espaço escolar. Esse período de observação, que existe tanto na carga horária de Estágio quanto na do Programa Residência Pedagógica, antecede a regência e é voltado para a compreensão da dinâmica de ensino do professor regente e da escola-campo, sendo considerado assim um momento essencial para o estudante, como menciona Seefeldt, Herrmann e Kruger (2014, p.708): “[...] aprendendo com o jeito de cada ensinar, pois sempre vamos aprender ou melhorar o nosso entendimento com a observação. Não devemos usá-la para julgar, mas sim para aprender”.

Na primeira Regência, realizada com duas turmas do 7º ano do ensino fundamental da Escola A no período matutino, uma das primeiras dificuldades encontradas foi quanto ao estado de conservação das salas de aula. Paredes riscadas, janelas manchadas, ventiladores insuficientes para amenizar o calor e que fazem um barulho absurdo, atrapalhando assim a concentração dos alunos e dificultando a comunicação entre os estudantes e docente.

A partir das aulas ministradas foi possível perceber que a escola recebe alunos de setores periféricos, e a maioria desses alunos são de famílias cuja situação socioeconômica é de baixa renda. Assim como muitas outras, a escola sofre com a indisciplina de seus alunos. Falta de respeito com os professores e colegas, mau comportamento e falta de interesse pela aula estão entre os predominantes.

A falta de recursos didáticos de qualidade foi algo que interferiu bastante no decorrer da regência, pois os mapas e o globo disponíveis na escola eram velhos e estavam em péssimo estado, assim como os dispositivos disponíveis na sala de vídeo (projektor, caixa de som e notebook). Além disso, para utilizá-los era necessário agendar com antecedência, pois há um único equipamento para todos os professores. Mesmo com dificuldades, foi possível apresentar slides e vídeos didáticos durante as aulas. Contudo, o recurso mais usado durante as aulas foi o livro didático, pela facilidade de manuseio e disponibilidade de acesso para os estudantes.

A Regência escolar no PRP, na Escola B, também foi realizada em uma turma do 7º ano, no período vespertino. Assim como na Escola A, a indisciplina foi predominante durante as aulas. A turma era composta por 32 alunos, o que deixava a sala de aula cheia, dificultando ainda mais o processo de ensino-aprendizagem. Sala de aula lotada, mal ventilada, carteiras em péssimo estado de conservação, são alguns dos problemas enfrentados durante a regência no PRP.

Durante as aulas não foi possível utilizar recursos como projetor e caixa de som para apresentar slides e/ou vídeos didáticos para os estudantes. O único recurso utilizado nas aulas foi o livro didático e imagens impressas. As aulas eram basicamente expositivas, já que os alunos não se interessavam em fazer questionamentos ou contribuições sobre os temas estudados, além de dificultar o decorrer das aulas, com conversas e barulhos desnecessários.

A partir dessa problemática, na medida em que o tempo foi passando, as experiências foram se consolidando, surgiram percepções sobre o “lugar”, pois “A sensação de tempo afeta a sensação de lugar”, (TUAN, 1983, p. 206). Através das experiências modificamos o sentido do lugar. E, cotidianamente, os significados de espaço e lugar podem frequentemente se unir.

A Regência na Escola C foi realizada em três turmas do 2º ano do ensino médio. Apesar de a escola contar com espaço amplo e um prédio que, de modo geral, é de boa qualidade, a infraestrutura ainda não é a desejável, com salas pequenas para as aulas, mesas e cadeiras em mau estado, o laboratório de informática fechado para o público escolar, laboratórios seco e molhado sem condições para a realização das aulas práticas.

Na Escola C a regência das aulas foi totalmente diferente, pois a professora das turmas já mantinha uma dinâmica com as mesmas e, então, só demos continuidade à ela. A professora tinha projetor e caixa de som próprios, o que facilitou na elaboração das aulas e na execução também. Não foi usado o livro didático em nenhum momento da Regência, já que a apresentação de slides e vídeos supria toda a necessidade de ilustração durante as aulas. Os estudantes interagem bastante durante as explicações, faziam questionamentos e

contribuíam com seus conhecimentos, o que tornava as aulas mais dialogadas. A professora também contribuía com as explicações sempre que julgava oportuno e necessário.

Nas três turmas onde houve a Regência na Escola C, constatamos uma porção máxima de alunos disciplinados, atenciosos, educados, e focados na aprendizagem. Em sua grande maioria os estudantes são participativos durante a aula, fazendo com que aconteça uma troca mútua de conhecimentos, e assim melhorando o processo de ensino-aprendizagem.

Em relação ao uso do material didático é importante ressaltar que ele é um suporte para o professor trabalhar na sala de aula e ajudar no conteúdo a ser ensinado para o aluno. Possibilita dinamizar a aula, sendo um meio de chamar a atenção do aluno. Na aula de Geografia, o uso desse recurso é essencial, como aponta Cavalcanti (2002, p. 97):

O mapa e outras formas de representação da realidade, como maquetes, desenhos gráficos, são bons recursos metodológicos para esse aguçamento da imaginação, para o desenvolvimento da função simbólica, na medida em que permitem aos alunos localizar fatos e acontecimentos e fenômenos da realidade natural e social e, além disso, permitem também entender o significado dessas localizações. Os mapas, gráficos e outros são, na verdade, importantes instrumentos da análise da realidade espacial.

Pudemos notar que a falta de recursos didáticos como mapa e globo terrestre em bom estado de conservação, projetor e caixa de som, interferiu na qualidade das aulas durante a Regência nas Escolas A e B. Já na Escola C, as aulas foram bem mais ilustrativas ajudando na compreensão dos estudantes. Segundo Cavalcanti (2002, p. 26):

Na prática da Geografia na escola, um tema destaca-se por ser considerado muito relacionado a essa disciplina, que diz respeito ao mapa e ao trabalho com a representação cartográfica. No entanto, esse tema parece apresentar muitas dificuldades práticas. Frequentemente ele é apontado pelos professores, de 1ª fase ou de 2ª fase do ensino fundamental, entre aqueles de maiores dificuldades para o trabalho em sala de aula. Os professores de 1ª fase, que não têm formação específica em Geografia, alegam que não sabem como trabalhar esse tema e que não possuem material adequado para isso. Os de 2ª fase têm formação em cartografia, mas igualmente não sabem como trabalhar esse tema com crianças e jovens do ensino fundamental, e a ausência de material também é um complicador nesse nível de ensino.

A análise feita da experiência das aulas nas três escolas onde houve Regência, mostrou que cada uma das escolas despertou um sentimento relacionado ao lugar.

Partindo da percepção afetiva e de acolhimento nas Escolas A e C, o lugar segue a reflexão citada por Tuan (2012) como topofilia, enquanto que o sentimento de angústia despertado Escola B corresponde ao denominado pelo mesmo autor como topofobia.

Esses sentimentos foram gerados ao observarmos e vivenciarmos todas as dificuldades enfrentadas durante as aulas, tanto pelas condições precárias do espaço físico escolar, como pelo comportamento disperso dos estudantes. Por conseguinte, no decorrer do tempo foram surgindo dificuldades com a turma e com a escola que acabou gerando um desgaste no processo de regência das aulas e comprometimento do processo de ensino-aprendizagem, tanto para a nossa formação inicial docente, quanto para os estudantes das turmas das escolas.

Essa realidade foi diferente da Escola A que, apesar da não colaboração de alguns dos estudantes durante as aulas, a boa vontade da professora supervisora na escola em ajudar fez com que ali se tornasse um “lugar” de dificuldades, mas ao mesmo tempo de afeto.

Na Escola C, todos os colaboradores foram receptivos e acolhedores e a professora supervisora acabou se tornando uma inspiração e exemplo. Tudo era inédito até o momento, desde a didática até a relação professor-aluno em sala de aula e o respeito entre os estudantes e a professora. E tudo isso acabou gerando uma mistura de sentimentos bons, causando uma relação de afeto com a escola.

A interação que ocorre entre a teoria e a prática durante a Regência faz com que o estudante tenha uma compreensão melhor sobre as dificuldades da docência, do processo de ensinar e aprender, como afirma Nóvoa (2019, p. 6) ao registrar que “não se trata de convocar apenas as questões práticas ou a preparação profissional, no sentido técnico ou aplicado, mas de compreender a complexidade da profissão em todas as suas dimensões (teóricas, experienciais, culturais, políticas, ideológicas, simbólicas, dentre outros)”.

Os sentimentos despertados no decorrer da vivência nas escolas se traduzem por um lado por diversas formas de frustração e descontentamento com a realidade enfrentada pelas escolas, mas por outro, gratificante pela aquisição de novos conhecimentos e preparação efetiva para a docência.

[...] é no estágio que a identidade profissional do estudante é gerada, (re)construída e significada através do desenvolvimento de uma ação reflexiva e crítica vivenciada no ambiente escolar. [...] É durante o estágio que o estudante compreende o espaço escolar, as relações que são construídas, as nuances dos processos de ensino e aprendizagem (DINIZ, 2020, p.73).

Esses desafios da Regência nos cursos de formação de professores de Geografia são explorados nas reflexões de autores como Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 99) ao afirmarem que isso diz respeito à necessidade prática de articulação dos conteúdos desse componente curricular com os conteúdos pedagógicos e educacionais, ou seja, aos mecanismos de transposição didática, que envolvem metodologias do ensinar a ensinar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido possibilitou refletir sobre a experiência formativa de período de suma importância para a formação docente, uma fase de aprendizados e de dificuldades, que juntos potencializaram o processo de construção de conhecimentos, cumprindo assim a finalidade deste trabalho. Além de apresentar as experiências vividas durante a regência no estágio e no PRP, mostrou o quão importante é a Regência nas escolas durante a formação do licenciando em Geografia.

Todas essas experiências mostraram diferenças significativas entre a Regência no Estágio e no PRP, sendo a principal delas relativa à carga horária. Enquanto no Estágio Supervisionado tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, somadas as duas etapas foi de 90 horas a carga horária de Regência, no PRP foi maior, de 100 horas. Dessas 100 horas, 50 horas foram exclusivamente em sala de aula, enquanto nos Estágios apenas 12 horas eram utilizadas exclusivamente para a Regência em sala de aula. Então, o aumento da carga horária dedicada para a Regência no Estágio poderia melhorar a percepção do licenciando de Geografia sobre o ensino em sala de aula na escola.

Na experiência da regência, cada escola teve sua contribuição na formação docente. Cada uma delas gerou uma percepção diferente sobre o “lugar”, sendo que todos esses sentimentos se tornaram parte das experiências vividas em cada escola e em cada turma onde houve a regência.

Esse contato com as escolas foi de extrema importância, aflorando sentimentos pela carreira docente e pela convivência escolar. Considerando o fato de que a carreira de professor não é um caminho fácil, foi possível sentir a realidade pela qual enfrentaremos posteriormente. São inúmeras dificuldades desde a infraestrutura das salas de aula até a indisciplina dos alunos. Mas isso nos faz enxergar que além dos obstáculos, há o sentimento de contribuição por um mundo melhor, pois ser professor é mais do que uma profissão, é um caminho de transformações.

A realidade do estudante se amplia nos alcances do lugar, da vivência familiar para se inserir no contexto espacial escolar, envolta nas distintas realidades socioeconômicas e culturais. Essa inserção espacial instrumentaliza o estudante na interação com diversos sentidos de lugar, entre sentimentos e práticas distintas.

O ensino de Geografia pode se apropriar dessa interface socioespacial para introduzir novas habilidades na compreensão da sua realidade e do seu entorno, despertando o senso crítico, em resolver problemas e buscar a transformação do lugar em que está inserido.

Diante dessas experiências, pode-se ressaltar o quanto a Regência foi uma parte fundamental no processo de ensino-aprendizagem durante o curso de licenciatura. Somente com esse contato direto com a sala de aula na rede de ensino básico, em espaços escolares diversos, é possível se ter ideia das dificuldades enfrentadas pelos professores, como também é um meio de se conectar com a futura profissão, despertando assim sentimentos de amor e paixão pela arte de ensinar.

THE SCHOOL AS PLACE IN THE CONDUCTING OF GEOGRAPHY CLASSES IN SUPERVISED INTERNSHIP AND PEDAGOGICAL RESIDENCY

ABSTRACT

This article is the result of graduation papers (TCC) of degree in Geography and it aims to present reflections on the importance of conducting classes as a practice in different schools for training in the degree in Geography in the light of experiences in the Supervised Internship and in the Pedagogical Residency Program. It addresses the objectives of the Supervised Internship and the Pedagogical Residency Program at the Federal University of Tocantins, highlighting the articulation between theory and practice during the conduction of classes in elementary and high school, demonstrating the importance of this immersion in the school daily life during the the teaching training process. The methodology used was qualitative, having as methodological procedures bibliographic research and documentary analysis. Subjectivity was present from the contributions of the geographic category place, through the perception of the reality of teaching and its specificities in the school space. The reflection on the conducting classes shows difficulties felt and numerous contributions to doing and teaching geographically. The rereading of this period was of paramount importance for teacher education, considered a phase of learning and difficulties, which together enhance the continuous process of construction of the teacher identity.

Keywords: Geography. Practice. Place. Teacher training.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. I.; PIMENTA, S. G. **Estágios supervisionados na formação docente**. São Paulo: Cortez, 2014.

ARAÚJO, O. H. A.; FORTUNATO, I.; MEDEIROS, E. A. Apresentação do dossiê temático: Formação inicial de professores em contextos escolares e binômio teoria/prática nos estágios

supervisionados. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista-BA, v. 16, n. 43, p. 13-28, Edição Especial, 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7664/5217>>. Acesso em: 31 jan. 2021.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Edital CAPES 06/2018 que dispõe sobre a Residência Pedagógica**. Disponível em <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018residencia-pedagogica.pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2018.

BURIOLA, M A. F. **O Estágio Supervisionado**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CARVALHO, A. N. P. **Os Estágios nos Cursos de Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

DINIZ, Vanessa Lessio. NARRATIVAS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: Percursos para a reflexão da identidade docente. In: QUEIROZ, Antônia Márcia Duarte. (Org). **Formação de professores em geografia: vivências teórico práticas no norte do Tocantins**. Palmas-TO: EDUFT, 2020, p. 71 - 81.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRUG, M. R ; LIMA, E. As contribuições do Programa Residência Pedagógica na formação inicial dos licenciandos em Educação Física. **Revista Gestão Universitária**, 25 de maio de 2019. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/as-contribuicoes-do-programa-residencia-pedagogica-na-formacao-inicial-dos-licenciandos-em-educacao-fisica>>. Acesso em: 2 de fevereiro 2021.

MAFUANI, F. Estágio e sua importância para a formação do universitário. Instituto de Ensino superior de Bauru. 2011. Disponível em: <<http://www.iesbpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2021.

MARTINS, P. L. O.; ROMANOWSKI, J.P. A Didática na formação pedagógica de professores nas novas propostas para os cursos de licenciatura. In: DALBEN, Â. I. L. de F. *et al.* **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente** (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 60-79

NÓVOA, A. Os Professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação. Séries saberes pedagógicos).

PONTUSCHKA, Nídia. N.; PAGANELLI, Tomoko L.; CACETE, Núria H. **Para ensinar Geografia**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PRODANOV, C.C; FREITAS, E. C de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**, 2ª Ed., Novo Hamburgo - RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book>>

%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 21 de Fevereiro de 2021.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOGRAFIA-PPC. **Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) Nº46/2009**. Universidade Federal do Tocantins. Araguaína; Dezembro de 2009.

RODRIGUES, M. L; LIMENA, M. M. C. (Orgs.). **Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006. 175p.

SEEFELDT, M.; HERRMANN, F. F.; KRUGER, I. C. N. Estágio supervisionado: um olhar de aprendizagem sobre a experiência obtida durante o estágio. XX EREMAT - Encontro Regional de Estudantes de Matemática da Região Sul. **Anais...** Fundação Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Bagé/RS, Brasil. 13-16 nov. 2014. Disponível em: https://eventos.unipampa.edu.br/eremat/files/2014/12/RE_SEEFELDT_02093271036.pdf, acesso em: 01 de Fevereiro de 2021

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, V. C. Desafios do Estágio Supervisionado na Formação do professor de Geografia. *In*: Albuquerque, M. A. M.; Ferreira, J. A. de S. F. (Orgs.). **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2012.

Recebido em 05/05/2021.

Aceito em 20/12/21.